

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PÓS GRADUAÇÃO LATO SENSU
EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS

COMUNIDADE QUILOMBOLA, EDUCAÇÃO INFANTIL E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

DANIELA MARTINS DOS SANTOS BARBOSA

OURO PRETO/MG
2023

DANIELA MARTINS DOS SANTOS BARBOSA

COMUNIDADE QUILOMBOLA, EDUCAÇÃO INFANTIL E RELAÇÕES ÉTNICO-
RACIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título da Pós – Graduação em Educação das Relações Étnico – Raciais: História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

Orientanda: Daniela Martins dos Santos Barbosa

Orientadora: Cristina Carla Sacramento

Coorientadora: Áquila Bruno Miranda

OURO PRETO/MG
2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

B238c Barbosa, Daniela Martins dos Santos.
Comunidade quilombola, educação infantil e relações étnico- raciais.
[manuscrito] / Daniela Martins dos Santos Barbosa. - 2023.
27 f.

Orientadora: Profa. Esp. Cristina Carla Sacramento.
Coorientadora: Profa. Esp. Aquila Bruno Miranda.
Produção Científica (Especialização). Universidade Federal de Ouro
Preto. Departamento de Educação e Tecnologia.

1. Quilombolas - Educação. 2. Educação infantil. 3. Grupos étnicos. 4.
Relações raciais. I. Sacramento, Cristina Carla. II. Miranda, Aquila Bruno.
III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 376.7

Bibliotecário(a) Responsável: Iury de Souza Batista - CRB6/3841



FOLHA DE APROVAÇÃO

Daniela Martins dos Santos Barbosa

COMUNIDADE QUILOMBOLA, EDUCAÇÃO INFANTIL E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pós Graduação Lato Sensu em Educação das Relações Étnico Raciais : História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Especialista

Aprovada em 27 de (mês por extenso) de 2023

Membros da banca

Profa. Dra. Cristina Carla Sacramento - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Profa. MSc. Profa. Msc. Áquila Bruno Miranda - Co- Orientadora - Fundação Pedro Leopoldo
Profa. Msc. Débora Rodrigues Azevedo Silva - Universidade Federal de Minas Gerais
Profa. Dra. Verônica Mendes Pereira - Universidade Federal de Ouro Preto

Profa. Dra. Cristina Carla Sacramento, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 22/01/2024



Documento assinado eletronicamente por **Cristina Carla Sacramento, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 24/01/2024, às 23:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0657469** e o código CRC **3FA0623E**.

RESUMO:

O presente trabalho apresenta a experiência da educação infantil no território quilombola Comunidade de Felipe, Bom Jesus do Amparo, MG, destacando as práticas socioculturais, políticas e econômicas da comunidade quilombola, bem como os seus processos próprios de ensino aprendizagem. A metodologia utilizada foi o relato de experiências de uma prática educacional e de produção e de conhecimento vivenciada na educação infantil do Núcleo Infantil “Pequeno Irmãozinho”. A atividade trabalhou o ensino aprendizagem voltado para as relações étnico-raciais de forma que as crianças pudessem adquirir conhecimentos através de memórias da comunidade e do território. Como resultado, destaca-se que o diálogo com veteranos da comunidade e o reconhecimento de espaços tradicionais do território foram experiências educativas sócio- culturais e afetivas pautadas nas relações étnico-raciais. Conclui-se que é possível desenvolver propostas antirracistas na educação infantil, que incentivem e estimulem a aprendizagem das crianças dentro de seu território valorizando a realidade em que está inserida.

Palavras-chave: Educação Escolar Quilombola; Educação Infantil; Território; Memória; Relações étnico-raciais.

ABSTRACT

This work presents the experience of early childhood education in the quilombola territory Comunidade de Felipe, Bom Jesus do Amparo, MG, highlighting the sociocultural, political and economic practices of the quilombola community, as well as their own teaching-learning processes. The methodology used was the report of experiences of an educational and production and knowledge practice experienced in early childhood education at the “Pequeno Irmãozinho” Children’s Center. The activity focused on teaching and learning focused on ethnic-racial relations so that children could acquire knowledge through memories of the community and the territory. As a result, it is highlighted that the dialogue with community veterans and the recognition of traditional spaces in the territory were socio-cultural and affective educational experiences based on ethnic-racial relations. It is concluded that it is possible to develop anti-racist proposals in early childhood education, which encourage and stimulate children's learning within their territory, valuing the reality in which they are inserted.

Keywords: Quilombola School Education; Child education; Territory; Memory; Ethnic-racial relations.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. SER UMA MULHER NEGRA QUILOMBOLA.....	7
2.2. EDUCAÇÃO QUILOMBOLA - EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	8
2.3. (RE) CONHECENDO A HISTÓRIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE FELIPE E O DIREITO À EDUCAÇÃO ...	12
3. SEMANA DA CRIANÇA NO NÚCLEO INFANTIL “PEQUENO IRMÃOZINHO: BRINCAR, PASSEAR E CONHECER A COMUNIDADE QUILOMBOLA DE FELIPE.....	15
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26

INTRODUÇÃO

A educação quilombola representa parte da luta dos quilombolas pela sobrevivência e traz consigo um legado de tradições culturais de antepassados, religiosidade e identidades, reconstruindo-as no presente.

A educação antirracista é uma abordagem possível em qualquer etapa da educação básica, sendo assim na educação infantil as crianças podem desenvolver uma compreensão do racismo, da diversidade cultural e da própria raça.

O presente trabalho é um relato de experiência das práticas pedagógicas que desenvolvi como professora no Núcleo Infantil “Pequeno Irmãozinho”, da Comunidade Quilombola de Felipe, localizada na área rural da cidade de Bom Jesus do Amparo (MG). As práticas aqui relatadas evidenciam um trabalho realizado junto às crianças do Maternal II e III, destacando o cotidiano, as vivências e as aprendizagens.

O objetivo geral é enfatizar a experiência da educação infantil no território quilombola, com as práticas socioculturais, políticas e econômicas da comunidade quilombola, bem como os seus processos próprios de ensino aprendizagem e as suas formas de produção de conhecimento. É necessário um olhar diferenciado e crítico para a valorização da educação infantil quilombola, o resgate de memórias e de culturas para formação da criança, além de fortalecer as relações etno-racial.

Nada melhor que ensinar com exemplos do lugar que se vive, as crianças aprendem brincando, dialogando e vivenciando experiências na sua comunidade. Ao longo da experiência, observei que as crianças brincam de muitas coisas, como cantigas de roda, cantar, dançar, pular com alegria e satisfação, gostam de conversar e contar casos do cotidiano. Sempre relatam sobre as vivências de casa, com falas interessantes sobre religiosidade, bem presente na cultura da comunidade.

Na trajetória de nós mulheres negras, perante a sociedade, sempre houve permanente busca por direitos, e se tratando da educação, é notório o espaço da criança parda, negra, principalmente quilombola. Vejo que muitos intelectuais negros trazem relatos de vivências da infância. Destaco Conceição Evaristo (2012), que em sua trajetória vem com um legado da sua infância as dificuldades financeiras, família simples, falta de oportunidade de trabalho, mas a coragem e persistência e o gosto pelos estudos fez com que hoje seja conhecida por todos. Me pego a recordar quando ela relata que

estudava nos porões da escola, pois nos andares de cima da escola ficavam os que ganhavam medalhas, cantavam, dançavam e coroavam Nossa Senhora. Em nossa trajetória estudantil na educação infantil, ter espaço de destaque era algo difícil ou até mesmo impossível. Hoje buscamos a interação, as relações raciais na escola a todo momento, as crianças terem sua vez, oportunidade e liberdade de expressão.

Neste relato de experiência compartilho uma prática pedagógica, comprometida em levar o conhecimento além dos muros da escola, considerando a realidade da Comunidade Quilombola de Felipe, através de entrevistas orais com moradores veteranos para contar um pouco sobre a história do lugar, fotos dos monumentos da Comunidade, análise documental, pois a comunidade é rica em histórias orais, porém não se tem muitos registros escritos, documentados e arquivados.

Esse relato está organizado da seguinte maneira: no primeiro momento apresentou um breve relato sobre o que é ser uma mulher negra quilombola; Educação quilombola - experiência na educação infantil; no terceiro momento (Re) Conhecendo a história da comunidade quilombola de Felipe e o direito à educação; semana da criança no Núcleo Infantil "Pequeno Irmãozinho": Brincar, passear e conhecer a comunidade quilombola de Felipe; pôr fim a conclusão do relato de experiência.

2. SER UMA MULHER NEGRA QUILOMBOLA

Eu me chamo Daniela Martins dos Santos Barbosa, sou mulher negra, descendente quilombola, neta dos quilombolas Antônio Escolástico dos Santos e Arlinda Martins dos Santos, e filha de Rosa Martins dos Santos nascida e criada na comunidade de Felipe que, atualmente, é certificada Quilombola. Aqui destaco que a Comunidade Quilombola de Felipe, foi certificada como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares em setembro de 2013, por meio da Portaria nº161, de 16 de setembro de 2013.

A Comunidade Quilombola de Felipe tem cerca de 700 remanescentes quilombolas, que executam atividades de cultivo de milho, hortaliças que são realizadas por meio do trabalho braçal, além de vários tipos de artesanatos como as bonecas de palha de banana. É uma comunidade religiosa, sendo que a população se organiza em evangélicos e católicos, todos com muito respeito à religiosidade.

Na questão da renda *per capita*, por ser uma área rural, a comunidade sofre por falta de emprego e geração de renda, o que leva a uma grande migração de jovens, de homens e de mulheres, que saem da comunidade quilombola e retornam apenas a passeio. Foi o que aconteceu com minha mãe que, devido às circunstâncias da vida pessoal e financeira, saiu da comunidade em busca de trabalho, de oportunidades e de condições de vida melhores, e neste percurso ocorreu meu nascimento.

Nasci na cidade de Itabira (MG), mas fui criada em Bom Jesus do Amparo (MG), passando toda minha infância e adolescência sempre em contato e vivência, na Comunidade Quilombola de Felipe, com meus tios, tias, primos, primas e amigos que ali nasceram e viveram. A minha infância foi vivida de maneira saudável, porém minha mãe trabalhava de doméstica em casa de uma família considerada nobre no município. Cresci acompanhando minha mãe em seu trabalho, vendo aquela luta, e presenciando cenas de discriminação racial, xingamentos e apelidos racistas.

Vale destacar que, apesar de ser crime, o racismo ainda é muito presente na sociedade e os ataques aos negros são nítidos e sem justiça. Desde pequena, o racismo já me incomodava, e se manifestava nas falas do patrão de minha mãe, dizendo para treinar-me, pois quando ela envelhecesse eu ocuparia o lugar de doméstica! Aquilo me incomodou tanto que eu jurava a mim mesma que jamais ficaria presa naquela casa

para servir! Como aponta Beatriz Nascimento (2020, p. 38) “Não deixe que nada nem ninguém viole os direitos fundamentais para que você viva uma vida com dignidade”.

Na adolescência estudei o ensino médio, em escola pública, passei em alguns vestibulares, porém por questões financeiras não pude ingressar em uma faculdade, logo ao término do ensino médio. Essa situação frustrava-me muito, pois reafirmava que o caminho de uma mulher negra não é fácil, uma vez que, ainda na atualidade é recorrente uma narrativa racista que restringe a mulher negra a espaços de subalternidade e o nosso poder e a audácia de mulheres negras guerreiras, batalhadoras, trabalhadoras e corajosas incomodam.

Ao longo do tempo, já adulta, busquei meios de trabalhar em comércios e setores administrativos. Tive minha gestação, sou mãe de um menino, mas não parei com os estudos, continuei buscando estudar e me preparar para futuramente ingressar em uma faculdade, pois este era meu foco naquele momento. Em 2013, fiz o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e em 2014, ingressei na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) - na modalidade à distância- pela lei de cotas/ ações afirmativas para negros.

A entrada na universidade me possibilitou uma oportunidade única, pois fiz a escolha da Pedagogia por gostar de lidar com crianças, visto que só pra constar, meus primeiros empregos para ajudar em casa era de babá, naquela época era o que existia ao alcance para adquirir renda. O estudo me proporcionou oportunidades, pois sem ele não seria possível eu conseguir uma profissão da qual me orgulhar. Em 2018, já pedagoga, dediquei-me a estudar, pois tinha o sonho de atuar na educação infantil, foi quando realizei o concurso para professora de Educação Infantil e fui aprovada. No ano 2019, fui convocada e minha maior surpresa e felicidade foi assumir a vaga de professora do Maternal III, atuando com crianças de três e quatro anos de idade, no Núcleo Infantil “Pequeno Irmãozinho”, localizada na Comunidade Quilombola de Felipe.

2.2 EDUCAÇÃO QUILOMBOLA - EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O retorno à Comunidade Quilombola de Felipe, como professora na Educação Infantil, é para mim um avanço em minha trajetória de vida pessoal e profissional. Poder trabalhar na área da educação com as crianças quilombolas, contribuindo para que elas possam sonhar e acreditar no seu potencial é fantástico. Mesmo atuando há pouco

tempo, é notável como, desde pequenas, as crianças já começam a desenvolver seu ponto de vista, comparações, opiniões, através das relações, interações e práticas do dia a dia, constroem sua identidade coletiva e pessoal, com brincadeiras, imaginação, fantasia, diálogos e conversas, fazem descobertas e aprendem os sentidos sobre sociedade, natureza e cultura.

Na experiência vivida na Comunidade Quilombola de Felipe, percebo que enquanto professora, torno-me mediadora, super amiga, mãe, tia, referência da criança e isso é gratificante. Observo isso pela forma como expressam o carinho e o respeito, pois até os pais me cumprimentam junto das crianças por “tia Dani”. Conforme Flávia Damião (2020) a perspectiva feminista negra apoia a importância das experiências das mulheres negras na educação, diante do exposto, eu como mulher negra professora em comunidade quilombola venho desempenhando o papel da construção, da produção de conhecimento e da valorização de experiências e junto a minha comunidade. Dessa forma, é importante sempre valorizar a formação docente, visto que é composta de muitas exigências, e compreender que o termo tia é algo cultural do meio que estou inserida, não descaracterizou o termo tia e tenho ciência da responsabilidade e o compromisso como professora, de contribuir com a formação na educação infantil enquanto ser criança. É importante ressaltar que, conforme Paulo Freire (1997, p.9):

O processo de ensinar, que implica o de educar e vice-versa, envolve a “paixão de conhecer” que nos insere numa busca prazerosa, ainda que nada fácil. Por isso é que uma das razões da necessidade da ousadia de quem se quer fazer professora, educadora, é a disposição pela briga justa, lúcida, em defesa de seus direitos como no sentido da criação das concepções para a alegria na escola [...].

Em minha prática, busco fazer com que as crianças quilombolas tenham espaços para a liberdade de expressão, acreditem em suas imaginações e em seus sonhos e que cresçam como seres críticos diante da sociedade. Esta postura tem relação com minha experiência enquanto criança, na educação infantil, em 1995: eu, criança negra quilombola, muitas vezes, era barrada pelas práticas escolares, pelos currículos e pela ausência de uma formação antirracista das professoras, de minhas imaginações e sonhos. Naquele contexto racista, ser personagem princesa era impossível, uma vez que eram mostradas apenas princesas de pele branca, cabelos lisos loiros ou pretos. Ao mesmo tempo, não tínhamos naquela época professoras/es negras/os atuantes. Na minha prática como professora negra, tento fazer esse movimento alimentando

sonhos e imaginações das crianças, valorizando-as de modo que sentem e se vejam ativas nas histórias de princesas com suas características, trago a Lucimar Rosa Dias (2012) que em sua obra “Cada um com seu jeito, cada jeito é de um” , posiciona a criança negra em um lugar de dignidade humana, podendo sim ser o que quiser. é importante destacar pois busco minimizar essa limitação da criança negra diante de personagens, elas são o que quiserem ser.

Através desta recordação, destaco Nilma Lino Gomes (2003) ao afirmar que estamos diante do desafio de analisar a produção acadêmica existente sobre relações raciais no Brasil e discutir quais aspectos dessa produção devem fazer parte dos processos de formação dos docentes. Resta, ainda, outro desafio, o de fortalecer diálogos no espaço escolar sobre o negro e sua cultura, enriquecendo e apontando novos caminhos para o campo de formação de professores.

Nesse sentido, o Núcleo Infantil “Pequeno Irmãozinho” se tornou um espaço onde busco valorizar a história e cultura dos povos quilombolas por meio da prática pedagógica pautada na escuta e acolhida dos saberes construídos pelos/as moradores/as da comunidade. Essa perspectiva tem em vista as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, que afirmam:

O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos. (BRASIL, 2010, p.12).

No que diz respeito a história do Núcleo Infantil “Pequeno Irmãozinho”, destaco que, conforme o acervo oral através de entrevistas com lideranças da comunidade e secretaria de educação do município , foi fundado na década de 90, porém antes estava localizado no Centro Comunitário e era nomeado como Creche Municipal. Em 2016, com aquisição de uma casa com espaço, foi renomeado Creche Municipal em Núcleo Infantil “Pequeno Irmãozinho” e, desde então, atende crianças de seis meses a seis anos da comunidade e redondezas, como Serrinha e Morro Redondo.

O direito à Educação está garantido a toda criança, desde seu nascimento, no Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, na Lei de Diretrizes

e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/1996 e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

Em minha atuação no Núcleo, trabalho como professora da educação infantil e junto com meu colega de trabalho, o professor quilombola José Ricardo Fernandes desenvolvemos atividades pedagógicas, lúdicas, práticas e teóricas com as crianças. Ele atua no Maternal II e eu, como mencionei anteriormente, com o Maternal III.

As atividades privilegiam a ludicidade, práticas e registros pedagógicos, buscando sempre interagir na construção do conhecimento da criança através do contexto que estão inseridas. Um artesanato, por exemplo, é realidade de muitas crianças, pois seus avós e mães trazem consigo, de geração em geração, essa prática como uma herança cultural e econômica. Logo, quando conversamos com as crianças sobre as frutas, principalmente a banana que é típica na região, já intercalamos que é um alimento saudável, pode fazer sopa, fritas ou doce, e sua palha serve para fazer porta joias, porta-retratos e customizar garrafas. No meio de uma teoria dessa vêm os comentários das crianças: “Minha avó encapa garrafas para enfeitar”; “Minha mãe faz porta retrato de palha de banana para vender”, diálogos que remetem ao conhecimento e valorização das questões artesanais, culturais e sociais da comunidade quilombola de Felipe.

Imagem 1: Artesanato feito com palhas de bananas.



Fonte: Acervo Quilombola de Felipe.

O Núcleo Infantil “Pequeno Irmãozinho” desenvolve as atividades educacionais pedagógicas de diversas maneiras, tanto seguindo o calendário escolar, quanto baseando em datas comemorativas, como: dia mundial da água, dia do circo, dia dos Povos Indígenas, dia das mães, dia dos pais, festa junina, dia da consciência negra,

dia da família e natal. Outras atividades educacionais, contempladas ao longo do ano, são a musicalidade, a contação de histórias e as brincadeiras.

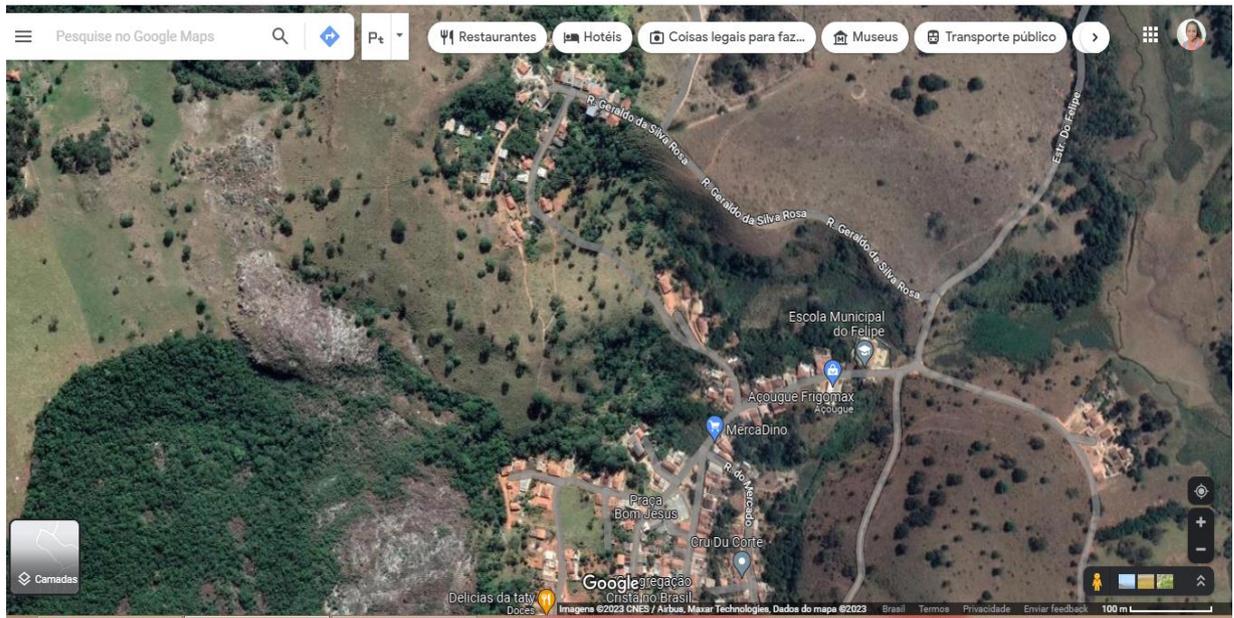
O trabalho com a música é muito prazeroso e positivo por estar em nosso cotidiano, e na vida das crianças, em vários momentos, iniciando desde que são bebês e ao longo de seu desenvolvimento. A contação de histórias é uma forma lúdica de transmissão de conhecimentos e construção dos mesmos em coletivo, poderoso estímulo à imaginação, ao desenvolvimento físico, cognitivo e socioemocional. Por meio de atividades recreativas, as crianças desenvolvem suas habilidades motoras, cognitivas e emocionais. Ao cantar, dançar, pular, busca-se fortalecer as brincadeiras geracionais como rodas e cantigas, o afeto e a imaginação presentes na cultura infantil.

Visando a realidade da Comunidade quilombola de Felipe na educação infantil os ensinamentos são mobilizados através do cotidiano e convivência das crianças, buscando valorizar a sua cultura, sua realidade e estimulando a aprendizagem. Nesse sentido, no mês de outubro de 2022 foi realizada a semana da criança, onde foram desenvolvidas atividades que fortaleceram a aprendizagem e as relações entre professor/a, as crianças, a comunidade e o território.

2.3 (RE) CONHECENDO A HISTÓRIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE FELIPE E O DIREITO À EDUCAÇÃO

A Comunidade Quilombola de Felipe originou-se de negros que refugiaram para aquelas matas, ali se esconderam, constituíram famílias e logo foi se tornando um lugarzinho povoado, inicialmente composto por onze casas, hoje são muitas casas, cerca de duzentas.

Imagem 2: Imagem de Satélite da Comunidade Quilombola de Felipe.



Fonte: Google Maps

Imagem 3: Imagem de Satélite da estrada até a Comunidade Quilombola de Felipe.



Fonte: Google Maps

Sebastião Felipe foi um senhor morador mais velho da comunidade, um dos primeiros moradores, por essa razão o território denominou-se Comunidade de Felipe, e após a certificação, em 2013, passou a ser reconhecida como Comunidade Quilombola de Felipe.

Em diálogo com a moradora matriarca da comunidade, a senhora Geny Luiza, de 80 anos, ela me contou um pouco sobre a vivência no início da comunidade em que as casas eram todas de pau a pique, barriadas e retalhadas com um tal de tabatinga (barro branco) preparado com um pouco de polvilho caseiro para não sujar as pessoas. Fazia-se o barrado com pedras de jude, socava tudo no pilão e usava maracujá para fazer os enfeites em cima dos barrados das casas, tudo arrumadinho com muita simplicidade e harmonia da época e com matérias primas do lugar, não existiam condições de comprar as coisas como nos dias atuais.

Os serviços eram só em fazendas, trabalhos braçais, lida com gado, capina, fazer cercas e plantações. O pagamento era a troca dos serviços pelos mantimentos, não tinha dinheiro em espécie para efetuar pagamentos. A vida não era fácil, muita luta para conseguir as coisas, alimentar e criar família também. A alimentação era da própria terra, composta por milho, banana, sopa de banana verde, arroz colhido no brejo e socado no pilão.

Para deslocar da Comunidade Quilombola de Felipe para os arredores não existiam estradas, eram trios¹ não tinham transportes e, dessa maneira, o deslocamento era a pé ou a cavalo. Para levar bananas para vender na cidade de Bom Jesus do Amparo, muitas vezes, iam a pé. No relato da senhora Geny, em que ela conta que puxava o cavalo enquanto seu pai o tocava em destino a cidade, pego-me imaginando a cena deste destino com cerca de 20 km (ida e volta). Destaco que o quilombo é um local afastado da área urbana, antigamente era escondido no meio do mato, com trios de passagens, onde só um relato tão cheio de memórias podem descrever. Segundo Nascimento (1989), “O quilombo é memória, que não acontece só pros negros, acontece para a nação” é diante de memórias riquíssimas de sentimentos que se faz a história do povo brasileiro.

Sobre a infância naquela época, meados 1950, os brinquedos eram umbigo de banana, cabelo de milho, sombrinha feita de folha de bananeira, além das brincadeiras de rodas, de correr e de usar a terra para brincar.

¹ Trios significa espaço estreito, no meio do mato, capoeiras e florestas, onde se era possível passar a pé e talvez a cavalo.

A primeira escola na comunidade quilombola de Felipe, fundada em 1963, se manteve com dificuldade, onde a senhora Geny e sua mãe cozinhavam. Para os pobres o estudo era muito difícil, pois inicialmente não tinham direito de cursar a terceira série na época. Essa situação se alterou com a atuação da irmã Dalva na escola, pois ela exigiu que todos tivessem direito a quarta série. O acesso à educação faz pensar na luta do negro para acessar os seus direitos, numa época de tanta desvalorização, mas de desejo de ao menos escrever o próprio nome.

Nos dias atuais a Escola Estadual de Felipe é de acesso a todos, atendendo a rede estadual com o ensino fundamental anos iniciais e a rede municipal com a educação infantil. Com base no Censo Escolar de 2021 são atendidas 74 crianças pela rede estadual e 32 crianças pela rede municipal.

3 SEMANA DA CRIANÇA NO NÚCLEO INFANTIL “PEQUENO IRMÃOZINHO: BRINCAR, PASSEAR E CONHECER A COMUNIDADE QUILOMBOLA DE FELIPE.

O direito à educação escolar na comunidade quilombola de Felipe é assegurado pela Escola Estadual de Felipe e o Núcleo Infantil “Pequeno Irmãozinho” - creche municipal.

Em atuação no Núcleo Infantil com as crianças das turmas de Maternal II e III veio a oportunidade de trabalhar o ensino aprendizagem voltado para as relações étnico-raciais de forma que essas crianças pudessem adquirir conhecimentos através de memórias da comunidade, do território e identidades. Porém, surgiram questões: como incluir na educação infantil as relações étnico-raciais? Como fazer com que crianças de dois, três e quatro anos entendam esse termo de forma lúdica?

Várias foram as análises e preocupações para tal, e junto do professor quilombola José Ricardo Fernandes montamos a proposta da aula passeio, que agregaria um conhecimento além dos muros da escola. O planejamento foi enviado por e-mail à secretaria de educação municipal para fins de conhecimento e aprovação.

A aula passeio com as crianças do Maternal II e III ocorreu no dia 06 de outubro de 2022, numa quinta-feira da semana da criança, com a participação de dezessete crianças quilombolas negros, pardas, amarelas, sendo sete crianças do maternal II e dez crianças do maternal III. Essa aula possibilitou várias experiências, como: conhecer o território, formação para as relações étnico raciais, o respeito pela

comunidade, contato com valores da cultura quilombola e resgate de memórias quilombolas.

No momento em que saímos do Núcleo Infantil “Pequeno Irmãozinho”, fizemos uma fila onde as crianças foram orientadas em duplas a darem as mãozinhas para iniciarmos nosso trajeto pela Comunidade Quilombola de Felipe. A proposta era andar pelas ruas e visitar os monumentos existentes como igreja, quadra, coreto, centro comunitário, escola e depois retornar ao Núcleo Infantil. Com o objetivo de manter as histórias e memórias da comunidade de maneira que as crianças pudessem ver e ouvir um pouco sobre cada um dos monumentos existentes em seu território e compreender que esses monumentos não estão ali apenas de enfeites, mas apresentam importância para a cultura quilombola, vistos que são pontos turísticos, que guardam tradições representativas da comunidade.

É importante esclarecer que na escola é abordada a história da comunidade quilombola de Felipe, pois trata-se de um dos princípios da educação escolar quilombola. Conforme a Resolução Nº 8 de 20 de novembro de 2012:

Art. 7º A Educação Escolar Quilombola rege-se nas suas práticas e ações político pedagógicas pelos seguintes princípios: direito à igualdade, liberdade, diversidade e pluralidade; direito à educação pública, gratuita e de qualidade; valorização da diversidade étnico-racial; reconhecimento dos quilombolas como povos ou comunidades tradicionais; conhecimento dos processos históricos de luta pela regularização dos territórios tradicionais dos povos quilombolas; reconhecimento e respeito da história dos quilombos, dos espaços e dos tempos nos quais as crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos quilombolas aprendem e se educam; direito dos estudantes, dos profissionais da educação e da comunidade de se apropriarem dos conhecimentos tradicionais e das formas de produção das comunidades quilombolas de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e continuidade; trabalho como princípio educativo das ações didático-pedagógicas da escola; (RESOLUÇÃO, 2012, p.5)

Esse passeio possibilitou trabalhar, junto com as crianças, as questões étnico-raciais e, sobretudo, a construção de suas identidades, onde começaram a perceber a realidade vivida por elas e pelos colegas. Em caminhada pelas ruas, encontrávamos com muitos moradores da comunidade, uns trabalhando, outros proseando, jovens transitando pelas ruas, alguns sentados na porta de sua casa observando-nos passar, aquela paz de um lugar harmônico, outros andando de bicicleta, pilotando moto ou dirigindo carro. As crianças iam apontando o que viam: “olha tia Dani as tranças da

moça igual as minhas”, “o menino de bicicleta”. Também identificavam as casas: “tia Dani ali é a casa de minha avó”, “Aqui é a casa da avó do coleguinha, essa verde”, “Ali na frente é a minha casa”, “Ali é a padaria de meu avô”, diálogos que surgiam naturalmente. Pelo caminho seguíamos dialogando e observando os cenários aos quais passávamos, ruas, casas, praça, quadra, igreja, coreto e escola.

Sempre passamos em frente à casa de um morador de 70 anos, que nunca deixa passar sem falar algo, ou contar um pouco sobre sua vida na comunidade. As crianças caminham até ele para pedir a benção e ele sempre diz: “Deus os abençoe criançada, gosto de ver as criancinhas passando alegres por aqui, faz lembrar que um dia já fui assim, crianças respeitem os professores de vocês e sempre obedçam.”

Esse senhor mora na esquina da rua próxima ao Núcleo Infantil “Pequeno Irmãozinho” e tem uma audição muito aguçada, devido ao fato de ter ficado um tempo cego, porém, nos dias atuais realizou cirurgia e enxerga normalmente. Ele sempre conta sua história de vida para as crianças e quando passamos por lá a prosa é de uns 15 minutos, em que a história de vida sempre é relatada, as dificuldades vividas, as lutas e trajetória na infância quilombola.

Ao relatar um pouco sobre sua vida da época de criança, ele evidencia, através de memórias, a questão étnico racial, num contexto em que a criança negra quilombola sofria muito por causa do racismo e era introduzida ao trabalho bruto já na infância. São vivências de um quilombola que criou família na comunidade e hoje sente-se só, mas alegre-se com a criançada e com seu carisma. Seu relato das brincadeiras é muito bom, era correr em terras vermelhas, o tradicional pega-pega, nesse desfecho a criançada rebate contando que gosta de brincar de correr, pega-pega, pula-pula e ali mesmo já constrói o conhecimento e trocas de experiências vivenciadas, entre as crianças e os mais velhos, pois para o Senhor o pula-pula é uma novidade, uma vez que não existia em sua época. A brincadeira está presente em diversos momentos da vida cotidiana, espaços e ocasiões de vivência das crianças.

Destaco, que no meio rural, as crianças quilombolas criam suas brincadeiras que fluem naturalmente com alto grau de cumplicidade e sociabilidade entre elas. Segundo Patrícia Santana (2018, p.) “no quilombo, as crianças mantêm uma grande rede de relações, vivenciando aprendizagens e socialização em diferentes momentos

e lugares, com adultos, adolescentes e, especialmente, com seus pares.” As crianças estão em diferentes espaços e, na realidade das crianças quilombolas de Felipe, esses espaços são a quadra, a praça, o campo de futebol, o coreto, dentre outros.

O diálogo entre as crianças e os moradores da comunidade é um método educativo, pois as palavras são carregadas de sentidos e valores, a criança adquire um aprendizado cultural. Esse encontro revela um aspecto intergeracional das infâncias negras, com diferentes possibilidades de ser e viver as infâncias no decorrer do tempo. Os diálogos e contação de histórias populares possibilitam uma educação das relações étnico raciais através do contato, das experiências, das vivências e dos valores de gerações quilombolas.

Quilombolas são povos de região remanescentes de quilombos, que eram as comunidades formadas por escravos fugitivos na época da escravidão no Brasil, então ser quilombola é ter uma relação íntima com a terra que habitam seus antepassados.

Continuamos o passeio pela comunidade, a Igreja católica da Nossa Senhora das Graças, padroeira da comunidade, localizada próximo a quadra de esportes, onde ocorrem as missas, batizados e casamentos. Algumas crianças questionaram que não frequentam essa igreja e que vão em outra, compreendemos na hora pois a comunidade é composta por católicos e evangélicos. A religiosidade é uma cultura da Comunidade quilombola de Felipe.

Imagem 4: Igreja Católica Nossa Senhora das Graças.



Fonte: Acervo José Ricardo Fernandes.

O coreto, repleto de memórias contadas pelos moradores quilombolas, é o local de descanso das pessoas que vêm do trabalho ou de uma viagem, que ali se reúnem para uma boa prosa até chegarem em casa.

Imagem 5:Coreto.



Fonte: Acervo José Ricardo Fernandes

O centro comunitário, que é gerenciado pela moradora Maria Dorotéia, foi um local de muitos eventos como festas de aniversários, casamentos e almoço de batizados, além de prestação de serviços à comunidade como vacinação, realização de palestras e artesanatos. O centro comunitário também abrigou as primeiras crianças quilombolas

da creche municipal do Felipe, desde 1997 até a prefeitura municipal de Bom Jesus do Amparo adquirir um espaço adequado.

Nos dias atuais o Centro Comunitário funciona apenas para reuniões comunitárias, vacinação e palestras. A curiosidade das crianças, ao saberem que ali foi uma creche, que acolheu suas mães, pais e tios, mobilizou entusiasmo, pois sendo um pequeno lugarzinho elas perguntaram: “Cadê os brinquedos?”, “tia, você também ficava aí?”, “nossos pais ficavam aí quando eram pequenos igual nós?”, “tio Zé, você trabalhou aí?” é uma conquista do direito à educação.

Imagem 6: Centro Comunitário



Fonte: Acervo José Ricardo Fernandes

Seguindo o passeio, chegamos na Escola Estadual de Felipe, como já mencionado no relato, uma escola que foi uma conquista da comunidade quilombola. As crianças identificaram o local de imediato, destacando “tia Dani, meu irmão estuda aqui”, “minha mãe trabalha aqui”, “minha avó trabalha aqui também”, “tem uma quadra e brinquedos aí, vi quando vim buscar minha irmã com nossa mãe”, “tia Dani, quando eu fizer quatro anos, já vou ser grande e estudar aqui nesta escola, igual minha irmã.”

Imagem 7: Escola Estadual de Felipe



Fonte: Acervo José Ricardo Fernandes.

O ponto final do passeio foi o retorno para o Núcleo Infantil “Pequeno Irmãozinho” - Creche Municipal da Comunidade Quilombola de Felipe. Local onde as crianças frequentam, interagem, divertem e aprendem. Este passeio teve duração de 50 minutos a 1 hora e 10 minutos, a se cumprir o trajeto, andamos todos devagar, com paradas de descanso considerando as condições das crianças. As crianças foram conduzidas à sala para descansar, beber água e conversar sobre tudo que viram. Nesse diálogo, a roda de conversa foi produtiva e nós professores só ouvimos com

satisfação e incentivamos que recontassem para os familiares sobre a atividade desenvolvida na aula passeio.

Imagem 8: Núcleo Infantil “Pequeno Irmãozinho”.



Fonte: Acervo José Ricardo Fernandes

Imagem 9: A fachada do Núcleo Infantil “Pequeno Irmãozinho”.



Fonte: Acervo da autora.

Imagem 10: Placa Nova Sede.



Fonte: Acervo da autora.

Imagem 11: Placa Reforma Geral.



Fonte: Acervo da autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato sobre a Comunidade Quilombola de Felipe trouxe um pouco da história do lugar, as dificuldades encontradas nas ausências de algumas informações por muitas pesquisas serem de acervo oral e a educação infantil quilombola. A necessidade de construir junto às crianças um olhar crítico levando em consideração as opiniões e conclusões por meio de diálogos, os valores diante de suas vivências, respeitando e valorizando a história cultural do local, o passado e o presente se fazem conjunto quando se trata de uma comunidade quilombola: no passado, as memórias das matriarcas da comunidade, no presente, o resgate dessas memórias de forma a contribuir com a aprendizagem. A ênfase deste relato foi a experiência vivida na carreira profissional, com a aula passeio realizada na semana da criança e o diálogo com pessoas da comunidade.

A oportunidade de compartilhar essa experiência profissional, desenvolvida numa escola quilombola, é algo muito importante para mim, como mulher, negra, professora, quilombola com antecedentes parentais que povoaram a comunidade quilombola de Felipe. Quando se fala em história quilombola, trata-se de uma pluralidade de pensamentos e conceitos, pois o negro com sua trajetória, traz consigo todo o legado da resistência à escravidão. Sua luta permanece em nós, na construção de nossas identidades e valorização da história de nosso povo. Não podemos deixar a história quilombola no mono, devemos atuar conforme diz no ilustre e mestre quilombola Nego Bispo (2020) “Ser mono é muito pouco. Nosso pensamento é plural. Somos contra os colonialistas. Viemos para contrariar”, esse contrariar fazemos não deixando o legado quilombola sumir da história brasileira, o termo quilombola e principalmente sobre a Comunidade Quilombola de Felipe. como professora tenho a necessidade de engajar de forma lúdica e dialogada sobre

O nosso dever enquanto pessoas ativas e atuantes na comunidade quilombola de Felipe é não deixar o racismo silenciar toda essa história e cultura e, as crianças são agentes para continuar levando a história plural de manifestações culturais e sociais da comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica.** – Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: Chromeextension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/[http://portal.mec.gov.br/dmduocuments/diretrizescurricular](http://portal.mec.gov.br/dmduocuments/diretrizescurricular_es_2012.pdf) es_2012.pdf. Acesso em: 23 nov.2022.
- DAMIÃO, Flávia de Jesus. Intelectuais Negras na academia e crianças negras: produção de conhecimento como assuntos da vida. **Revista da ABPN** • v.12, n. 33 • jun– ago 2020, p. 20 -43.
- DIAS, Lucimar Rosa. **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um.** Campo Grande, MS: Editora Alvorada, 2012.
- ESCOLA ESTADUAL DE FELIPE , **Censo Escolar 2021**,Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/31102806-ee-de-felipe/censo-escolar> Acesso em: 21 nov. 2022.
- EVARISTO, Conceição. **Nossa Escrevivência: DA GRAFIA-DESENHO DE MINHA MÃE UM DOS LUGARES DE NASCIMENTO DE MINHA ESCRITA** <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html> Acesso em: 19 nov.2022.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não, cartas a quem ousa ensinar.** Olha d'água 1997.
- GOMES, Arilson dos Santos. **Cartilha Antirracista.** Redenção: Serviço de Promoção da Igualdade Racial/ Unilab, 2020. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/110024726/cartilha-antirracista> Acesso em: 14 fev.2023.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação fde professores/as:um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

BOM JESUS DO AMPARO – Quilombo Felipe - **Ipatrimonio**, 2020, Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/bom-jesus-do-amparo-quilombo-felipe> Acesso em: 11 nov.2022.

BOM JESUS DO AMPARO - **Google Maps**, 2022, Imagens via Satélite. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Prefeitura+Municipal+de+Bom+Jesus+do+Amparo/@-19.7598534,-43.5093123,1403m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xa5c9877753d60d:0xea46bf4a58812427!8m2!3d-19.7048532!4d-43.4755583?hl=pt-BR> Acesso em: 01 dez.2022.

NASCIMENTO, Beatriz; GERBER, Raquel. **Ôrí**. Documentário. Brasil, 1989, 100 min.

RESOLUÇÃO Nº 8 DE 20 DE NOVEMBRO, **Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica**. 2012. Disponível em: [/http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/diretrizes_nacionais_educacao_escolar_quilombola.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/diretrizes_nacionais_educacao_escolar_quilombola.pdf) Acesso em: 26 dez.2022.

SANTANA, Patrícia Maria de Souza. **As Pluralidades do ser criança no quilombo Mato do Tição- MG**. Revista da ABPN • v. 10, Ed. Especial-Caderno Temático: Letramentos de Reexistência • janeiro de 2018, p.66-87.

SANTOS, Antônio Bispos dos. **Não me mandem fazer direito , eu não sou colonizado**, 2020, Disponível em: [UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais - 'Não me mandem fazer direito, eu não sou colonizado', provoca Nêgo Bispo](#) . Acesso em: 26 dez.2022.

SILVA, Jônatas Conceição da. **Vozes Quilombolas: uma poética brasileira**. Salvador: EDUFBA; ILÊ AIYÊ, 2004.